

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Paracatu

2022

MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UniAtenas, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de Concentração: Pedagogia Escolar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eleusa Spagnuolo Souza

S719b Sousa, Maria da Conceição.

Bullying e violência nas escolas. / Maria da Conceição Sousa.
– Paracatu: [s.n.], 2022.

27 f.

Orientador: Prof^a. Dra. Eleusa Spagnuolo Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) UniAtenas.

MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário UniAtenas, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de Concentração: Pedagogia Escolar.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Eleusa Spagnuolo Souza.

BANCA EXAMINADORA

Paracatu, 20 de Junho de 2022.

Prof^a. Dra. Eleusa Spagnuolo Souza.
UniAtenas

Prof. Ma. Helen Conceição Cardoso Soares.
UniAtenas

Prof. Douglas Gabriel Pereira.
UniAtenas

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu criador, que me dá coragem para trabalhar, estudar e, assim, alcançar uma vida melhor.

Ao corpo docente, direção e administração do Centro Universitário Atenas que oportunizaram um novo caminho, pelo qual posso contribuir com a Educação, um dos grandes pilares da formação humana.

A minha orientadora, Dr^a. Eleusa Spagnuolo Souza, pela paciência, atenção, dedicação, compreensão das minhas limitações e suporte.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire (2016)

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido buscando resposta para o problema representado pela identificação de fatores considerados responsáveis pela violência nas escolas públicas, praticada pelos jovens. Por meio de metodologia denominada de pesquisa bibliográfica, teve como objetivos a análise do fenômeno violência nas escolas e os fatores considerados desencadeadores, analisando as ocorrências e consequências da indisciplina escolar e do bullying e também caracterizar as formas de violência praticadas contra e pelos estudantes em diversas faixas etárias, traçando um perfil do crescimento quantitativo da violência nas escolas públicas. Apurou-se que a violência é toda forma de intimidação, coerção, ameaças ou ofensas, verbais ou físicas por meio da qual um indivíduo tenta impor sua autoridade sobre outro. O *bullying* é conceituado como uma prática repetitiva de atos de violência física e psicológica, tais como intimidação, humilhação e agressão física ou verbal, de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo. Os tipos de violência mais comuns em ambiente escolar são atos praticados pelo professor contra o aluno ou vice-versa exclusão, intimidação, violência sexual, coação, *bullying* e o vandalismo. Para se ter uma ideia, uma pesquisa desenvolvida em todo o mundo pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico com mais de 100 mil professores e diretores de escola com alunos de 11 a 16 anos apontou o Brasil como o primeiro no *ranking* de violência nas escolas. Nesse contexto, o professor precisa estar preparado para enfrentar estes desafios, trabalhando, sempre que possível, temas que melhorem os comportamentos e relações entre os alunos e estes com os professores, sendo essencial o apoio e trabalho conjunto da família.

Palavras-chave: Escola. *Bullying* nas escolas. Violência escolar. Família.

ABSTRACT

This study sought the answer to the problem published by identifying factors recognized by schools. Through a methodology called bibliographic research, it aimed to analyze violence in schools and the factors taken into account, analyzing how school and bullying occurrences and also characterizing the forms of violence practiced against and by students in different ranges, tracing a profile of growth of violence in public schools. It was found that violence is any form of intimidation, coercion, threats or offenses, verbal or physical, through which an individual tries to impose his authority over another. Bullying is conceptualized as a repetitive practice of physical and psychological violence, intimidation, humiliation and aggression as physical or verbal, by a person or group against an individual. The common violence in the school environment are more types of acts or addictions by the teacher against the student exclusion, intimidation, sexual coercion, bullying and the o. To give you an idea, a survey developed around the world by the Economic and Development Organization with more than 100 thousand teachers and school directors with cooperation students from 11 to 16 years old Brazil as the first in the ranking of violence in schools. In this context, the teacher needs to be prepared to face these challenges, to work, whenever possible, on topics that improve the behaviors and relationships between students and with teachers, being essential the joint work of the family.

Keywords: School. Bullying in schools. School violence. Family.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 08 |
| 1.1 PROBLEMA | 08 |
| 1.2 HIPÓTESES | 09 |
| 1.3 OBJETIVOS | 09 |
| 1.3.1 OBJETIVO GERAL | 09 |
| 1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 09 |
| 1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO | 09 |
| 1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO | 10 |
| 1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO | 10 |
| 2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA OS TIPOS VIOLÊNCIA MAIS FREQUENTES NO COTIDIANO ESCOLAR | 12 |
| 2.1 A VIOLÊNCIA PRESENTE EM TODOS OS CONTEXTOS SOCIAIS | 12 |
| 3 VIOLÊNCIA ESCOLAR E BULLYING | 16 |
| 3.1 CONTEXTOS DA INDISCIPLINA ESCOLAR | 18 |
| 4 CRESCIMENTO DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS | 21 |
| 4.1 DADOS CONTEMPORÂNEOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA | 21 |
| 4.2 OS TIPOS MAIS COMUNS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR | 22 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 24 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

1 INTRODUÇÃO

Segundo Charlot (2005) que os acadêmicos dos cursos de Pedagogia devem conhecer as principais causas da violência nas escolas para que, dessa forma seja possível exercer uma postura em sala de aula em prol da cultura de paz. “Tal conclusão, evidentemente, faz recair uma pesada responsabilidade sobre os professores, mas esta lhes atribui também uma dignidade profissional” (CHARLOT, 2005 p.132).

Partindo desta afirmação, por meio de pesquisas bibliográficas, este estudo enfatiza a interferência pedagógica do professor por meio de propostas viabilizadoras para a construção da cidadania e do respeito ao próximo. Também é desenvolvida uma reflexão sobre a transformação da conduta social dos alunos no cotidiano escolar, enfocando as causas da violência no meio educacional. Adotando um caráter exploratório, a análise desta pesquisa volta-se ao anseio de tantos educadores e educandos, familiares e da sociedade como um todo, no sentido de eliminar ou minimizar a frequência de comportamentos violentos tão presentes nas escolas.

Vale ressaltar que a escola, por ser um espaço que até então deveria ser utilizado como canal de conhecimento e prática dos direitos humanos, tem sido palco de variadas expressões de violação à integridade física e moral, situação que muitas vezes foge do controle pedagógico de muitos docentes por desconhecerem medidas legais de combate à situação (COUTO, 2008).

1.1 PROBLEMA

Tratar da violência no âmbito escolar exige do pedagogo a capacidade de ir além do que os olhos podem ver. Significa dizer, em outras palavras, que o educador precisa estar atento às influências externas ocasionadas pelo ambiente familiar, pelos meios de comunicação e pela própria sociedade na qual o aluno está inserido.

Considerando tais contextos, pretende-se responder ao seguinte problema: Quais fatores são considerados como responsáveis pela violência nas escolas públicas, praticada pelos alunos?

1.2 HIPÓTESES

O ambiente escolar é visto por muitos pais e familiares como o único espaço dedicado ao conhecimento de direitos e deveres e à prática da educação. No espaço familiar quase não se impõe limites às crianças e jovens. Com a liberdade de satisfazer suas próprias vontades, sem qualquer orientação de boa conduta, o público jovem acaba sendo espelho do próprio ambiente de origem, quase sempre fazendo parte de uma rotina em que se desconhece que a educação começa em casa. A ausência do acompanhamento da família é um fator agravante.

Os meios de comunicação também têm contribuído para a proliferação da violência na vida de crianças e adolescentes, pois apresentam frequentemente cenas de agressão física e moral como se fosse normal a sua prática na sociedade. Além de influenciar comportamentos, esses meios contribuem concretamente para a construção da identidade desse público (ARAÚJO, 2012).

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Aprimorar o conhecimento acerca dos fenômenos violência nas escolas e *bullying*, e os fatores considerados desencadeadores.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Apontar os fatores determinantes dos tipos violência no cotidiano escolar;
- b) Conceituar a indisciplina escolar e o *bullying* nas escolas, bem como suas consequências;
- c) Caracterizar as formas de violência praticadas contra e pelos estudantes em diversas faixas etárias, traçando um perfil do crescimento quantitativo da violência nas escolas públicas.

1.4 JUSTIFICATIVA

A violência escolar sempre existiu e, por isso, a escolha deste tema partiu de uma vivência pessoal. Após ingressar no ensino superior foi possível ter acesso à

análise dos diferentes tipos de violência, as verbais, a física, patrimonial, etc.

Abordando o tema da violência no ambiente escolar, foi possível verificar que a violência tem sido algo cada vez mais desafiadora em nossa sociedade e, para agir no combate da violência, é preciso aprimorar os conhecimentos que o próprio aluno traz em sua bagagem, fiscalizar o papel da família em sociedade.

Entende-se que, se a escola trabalhar com o resgate de valores e a mediação de conflitos, será um instrumento primordial para construir um bom engajamento entre escola e alunos e, dessa maneira, contribuirá para a garantia de bons resultados no processo de ensino e aprendizagem.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

Para realização deste projeto, como metodologia, foi feita pesquisa bibliográfica - aquela feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites -resultante de fontes de consultas em diferentes tipos de publicações acadêmicas e oficiais, que pudessem contribuir para a identificação dos principais fatores que levam os alunos da rede públicas a praticar violência nas escolas.

Como fontes de pesquisa, foram selecionadas obras depositadas nas bases de dados *Scielo*, *Google Acadêmico*, Biblioteca digital, Revista Acadêmica e também em livros de graduação relacionados ao tema, disponíveis no acervo da biblioteca do Centro Universitário Atenas.

A pesquisa bibliográfica é considerada essencial e, segundo Gil (2002), permite a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia ser investigada diretamente.

Para selecionar as fontes, foram adotados termos de pesquisa, quais foram: escola; *bullying* nas escolas; violência escolar; família.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa encontra-se estruturada em quatro capítulos, assim ordenados:

No Capítulo I é apresentada a Introdução ao tema e seus componentes. Apresenta-se o assunto e são relatados os objetivos propostos, o problema a ser

respondido, a metodologia utilizada, a hipótese inicial elaborada e a justificativa da escolha.

O Capítulo II realiza uma análise dos fatores considerados determinantes para a ocorrência dos tipos violência no cotidiano escolar, aqui identificadas.

Em seguida, no Capítulo III, são caracterizadas as formas de violência praticadas contra e pelos estudantes em diversas faixas etárias;

No Capítulo IV buscou-se conhecer o crescimento quantitativo da violência nas escolas públicas, tendo por bases os estudos mais recentes disponíveis.

Finalizando, são apresentadas as Considerações Finais, nas quais a autora deste estudo elabora suas próprias conclusões mediante a teoria analisada.

2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA OS TIPOS VIOLÊNCIA MAIS FREQUENTES NO COTIDIANO ESCOLAR

No que se refere à violência nas instituições escolares, Santos (2016), entende que é possível considerar que ela é inerente à ação pedagógica e não acontece somente dentro da instituição escolar, funcionando como mecanismo de reprodução das condições de dominação e subordinação de determinadas camadas, grupos ou classes. Deste modo, a escola torna-se um local de reprodução das relações e da hierarquia social, como espaço favorável para reproduzir valores, padrões de comportamentos e modos de se vestir, sentir e agir, sempre de acordo com os grupos dominantes, colaborando para o aumento da desigualdade social.

Para Mota e Santos (2018), o cenário da sociedade em que vivemos tem como umas das principais características o alto índice de violência. Considerar as causas de tal realidade no ambiente escolar requer uma análise de tudo o que compõe a vida de professores e alunos. Discussões familiares, cenas de agressão física, desrespeito e mau uso do diálogo aberto, com xingamentos ou palavras ofensivas constantemente vivenciadas e presenciadas através da mídia, na comunidade e até mesmo em casa acabam por serem naturalizadas no meio social; razão pela qual essas atitudes são refletidas também nas escolas.

Abramovay (2006, p.72) salienta que os meios de comunicação também têm contribuído para a proliferação da violência na vida de crianças e adolescentes, pois “apresentam frequentemente cenas de agressão física e moral como se fosse normal a sua prática na sociedade. Além de influenciar comportamentos, esses meios contribuem concretamente para a construção da identidade desse público”. Tendo em vista que os pais geralmente não se preocupam em controlar os conteúdos a serem vistos na TV, internet e outros meios, essas crianças e jovens “não têm sequer na família modelos positivos para se espelhar”.

2.1 A VIOLÊNCIA E OS CONTEXTOS SOCIAIS

A violência, segundo Barros (2019), é um problema que atinge as mais variadas esferas sociais. Ela também está presente nas ações dentro das escolas e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo.

Professores, corpo administrativo e alunos, todos são vítimas e algozes em potencial, estão todos, entrelaçados pelo medo e pela tensão dos conflitos do cotidiano.

Nas palavras de Mota e Santos (2018), a questão da violência dentro das escolas prejudica o aprendizado, a socialização e contribui na propagação de distúrbios psicológicos em muitos professores e alunos. Embora não existam ideias prontas, a experiência dos professores aliada ao conhecimento e prática dos direitos e deveres de cada cidadão pode ser uma alternativa de combate à violência nas escolas.

Hoje, aponta Barros (2019), o ponto mais grave é os pais não assumirem o seu papel, a sua função dentro da família, que é educar os filhos, dando amor, disciplina e limites. Contudo, é preciso observar os comportamentos e as atitudes apresentadas pelos pais. Sendo alguns presentes e outros totalmente ausentes em suas vidas e atividades. Outros sendo representantes da moral e dos valores, muitas vezes equivocados, em nada auxiliam na formação dos seus filhos.

De acordo com Santos (2019) os pais precisam se aproximar mais de seus filhos. Pois na maioria das vezes, os pais têm dividido seu dia desta forma: oito horas no trabalho, oito horas dormindo e as oito horas restantes dividem-se entre praticar alguma atividade física, ver televisão, usar o computador, realizar tarefas domésticas ou conversa.

Rocha (2010) considera que a violência no ambiente escolar é um problema complexo e sua resolução requer participação efetiva de todos os envolvidos: professores, alunos, gestores, comunidades escolar, família e sociedade. Na atualidade a terminologia violência tem repercutido no meio. O problema não é novo e pode ser encontrado nas escolas, sejam públicas ou privadas. Trata-se de comportamento agressivo através de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social.

Santos (2016) define violência como:

Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo.- incivilidades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; -violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe

acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos (SANTOS, 2016, p.27).

Mota e Santos (2018) evidenciam que existem diferentes formas de violência presentes no cotidiano das escolas, ressaltando-se, as agressões e ameaças a professores, feitas por alunos, as verbais, físicas ou psicológicas, sofridas por parte de profissionais que atuam nas escolas. O problema vem se agravando, já é possível presenciar essa realidade tanto na escola pública quanto na escola da rede particular, os acontecimentos chegaram à mídia televisiva e virou problema nacional.

Atualmente, num contínuo fluir de conflitos diretos e indiretos, a escola é palco de problemas de toda ordem. Para solucioná-los nem sempre os saberes pedagógicos são suficientes. Quando o assunto é violência escolar, visualizamos comumente a troca de provocações verbais, desrespeito, depredações, ameaças e agressões físicas. Contudo, a questão agora é a necessidade de ampliação de conhecimentos e sensibilização diante de uma violência que, na maioria das vezes é silenciada pelo medo ou compreendida como simples brincadeiras entre colegas (BARROS, 2019).

A organização do espaço físico e das relações estereotipadas comuns no ambiente escolar desfavorece o diálogo e a troca de ideias e ideais. Para ele “aprendemos na escola as fórmulas para resolver problemas matemáticos, mas não desenvolvemos habilidades pessoais e grupais para solucionar os dilemas existenciais” (CHALITA, 2018, p.190).

Em todas as fases da vida reagimos de acordo com oportunidades e estímulos recebidos e parte do que somos e nos tornamos é resultado do que o outro nos desperta. Esse comportamento subjetivo, que “nos ajuda a sonhar está presente numa lei que consegue descrever a subjetividade das relações interpessoais, para valorizar o intangível” (CHALITA, 2018, p.192).

A escola é um espaço rico de possibilidades, descobertas da arte de ensinar e de aprender, de conviver, de viver em harmonia. As relações que se desenvolvem entre os alunos e destes com os professores são um verdadeiro laboratório para a vida, pois estão repletas de dilemas, conflitos de escolhas que permitem exercitar, resgatar, visitar e rever os princípios, os objetivos, os valores que nos mantêm unidos (CHALITA, 2018, p.197).

Santos (2019) aponta que seja importante destacar que as Diretrizes Curriculares Nacionais indicam como primeiros objetivos da educação os princípios éticos, estéticos e políticos onde estão previstas ações pedagógicas necessárias para desenvolver atitudes autônomas, responsáveis, solidárias e de respeito pelo outro e pelo bem comum. Nesse contexto, os princípios estéticos são considerados fundamentais no desenvolvimento de habilidades necessárias ao respeito à diversidade, base primordial do último princípio, o político, onde estão traçados os direitos e deveres essenciais ao exercício da cidadania.

3 VIOLÊNCIA ESCOLAR E BULLYING

Segundo Marini (2018) as escolas têm como preocupação atual, atos de violência entre seus pares originados a partir de atitudes como retaliação velada ou explícita, intolerância às diferenças, apelidos pejorativos e inúmeras outras formas de uso e abuso da força e da influência que algumas situações de superioridade propiciam. Nesse contexto, ao rotular o aluno pela aparência física ou por suas dificuldades o professor pode, conscientemente ou não, contribuir nesse quadro de destruição da autoestima deste quando deveria ajudá-lo na construção e/ou afirmação da mesma. Esse comportamento, denominado *bullying*, é cotidiano nas esferas sociais e pode, de acordo com a profundidade em que afeta a vítima, pode destruir todo o trabalho cognitivo, psicológico e de relações pessoais que a família e escola buscam desenvolver em seus integrantes.

O ambiente familiar ideal, considera Costantini (2014), é aquele que não é permissivo, nem autoritário, nem passivo, muito menos superprotetor. É essencial que seja participativo, com grandes chances de propiciar o equilíbrio, como espaço encorajador e favorecedor do desenvolvimento e da manifestação de diferentes talentos e habilidades. Esse ambiente ideal se constrói com a presença, o modelo e o diálogo. Pais presentes, não em quantidade de tempo, mas em qualidade, reconhecem sempre que algo não vai bem e não ignoram esse algo, ao contrário, buscam tomar posição para orientar e se manter presente e acessível para o filho.

É fato que um grande número de jovens já evadiu da escola devido a atitudes de violência sofrida, com ou sem o conhecimento dos pais e professores que, comumente, ou não dão atenção ou não minimizam a importância às consequências de tais atos. O aluno que sofre a violência, ou seja, a vítima nem sempre tem coragem de manifestar sua insatisfação e seu sofrimento, pois aqueles que deveriam intervir e defendê-lo, mesmo que de forma involuntária podem humilhá-lo mais ainda ao minimizar seus receios (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2017, p.81).

Para Costantini (2014), a escola atualmente está procurando iniciar processos de inovação e de reforma muito importantes que modificarão não só a organização escolar, programas, métodos de estudo e ensino, mas também a mentalidade, bastante difundida, que vê no aprendizado do aluno o único valor que importa e interessa.

Middelton-Moz e Zawadski (2017) interpretam que a responsabilidade que deve ser atribuída à família e aos grupos de convivência, pois defendem que a maioria

dos nossos comportamentos é guiada pelos padrões e pelas visões que vimos como exemplos em nossas famílias e em nossas comunidades. A responsabilidade maior da família está pautada no fato de que os primeiros cuidadores adultos têm enorme influência sobre as crianças porque esta interação é uma proteção contra comportamentos agressivos posteriores. Assim, esse relacionamento é o alicerce para o desenvolvimento de vínculo e de empatia, regulando e equilibrando as emoções e a capacidade de aprender e se comportar diante da aprendizagem. Essas primeiras interações geram estados psicológicos e fisiológicos nas crianças semelhantes aos dos adultos próximos.

Nas concepções de Santos (2019), o vínculo saudável com os pais permite que uma criança assimile do exterior e traga para dentro de si um sentimento de amor-próprio, a capacidade de confortar a si mesma em situações emocionalmente difíceis e a internalização de limites saudáveis que mantenham os impulsos agressivos controlados. A confiança construída a partir da constância, do amor incondicional e da segurança de cuidadores adultos se torna a base segura sobre a qual se constrói a confiança em si e nos outros.

As medidas adotadas pela escola para o controle desse fenômeno podem ser bem-sucedidas apenas se envolverem toda a comunidade escolar uma vez que primeiramente precisam alcançar a formação de uma cultura de não-violência em todo o contexto social do aluno reafirmando o caráter primordial da parceria escola/família. Também para essa autora o primeiro passo é a atribuição do devido valor às ocorrências, mesmo mínimas, de forma a externar e afirmar o valor e a importância da integridade da vítima e a responsabilidade daquele que pratica tais atos. Essa prática é necessária porque, segundo a autora, em toda relação onde há o *bullying* “uma das partes é, de alguma forma, mais forte que a outra; ao se sentir protegido e compreendido a será mais fácil para a vítima externar seus medos” (MARINI, 2018, p.26).

Nesse contexto, complementam Middleton-Moz e Zawadski (2017), para a vítima do *“bullying”*, ter uma família que o ampara, escuta e age em sua defesa faz toda a diferença no enfrentamento do seu “alcoz”. O mesmo valor tem a escola, nas pessoas do professor e todos os funcionários que convivem com o aluno, pois se houverem laços de respeito e confianças verdadeiros a maioria dos alunos alvos dessas atitudes terão coragem e liberdade para exteriorizarem seu sofrimento.

Dentro da escola, conclui Marini (2018), mais precisamente em sala de aula, o professor se depara com um grande número de situações que podem ser caracterizadas como violência ou *bullying*, devendo atentar para não simplificar as ocorrências como atitudes inerentes à idade e ao convívio adolescente. Como formador e cuidador, o professor não deve se esquecer que sua prática deve estar fortemente alicerçada pelos valores do respeito, da honestidade e da humanidade.

3.1 CONTEXTOS DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Os motivos da indisciplina podem ser analisados em cinco níveis diferentes: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno. Estes níveis estão relacionados a uma forma de orientação da investigação, que irá facilitar o estudo. Tais fatores estão intimamente ligados entre si e jamais isolados um do outro. De maneira geral, entende-se que a base do problema encontra-se na forma de organização da sociedade, que é o princípio de toda a indisciplina. Observa-se que esta organização não trabalha sozinha, e deve ser consolidada pela mediação dos diferentes agentes (professores, pais, alunos, diretores e outros). Assim o papel da escola é de se organizar de tal forma que permita aos educadores forjarem uma vontade coletiva, um “desejo e um inarredável compromisso político com a aprendizagem sólida e duradoura do aluno” (VIEIRA *et al.*, 2013, p.11).

A indisciplina tem sido uma das principais causas das exclusões dentro da família, pois atualmente a autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula e do orientador na escola tem entrado em falência, dificultando muito a convivência social. Verifica-se que os educadores das redes públicas de ensino têm reclamado que os pais têm se ausentado de suas responsabilidades de educar seus filhos em casa e não impõem limites aos mesmos, além de não dar bons exemplos para eles. Estas atuais gerações de jovens perderam a noção de padrões de comportamento e limites, formando uma geração de “príncipes” e “princesas” onde adquiriram muitos direitos e poucos deveres, muita liberdade e pouca responsabilidade, muitas regalias e pouca formação de caráter (VEIGA, 2017).

Esta reflexão de indisciplina familiar passar a ser presenciada nas salas de aula, onde boa parte dos alunos também não respeitam seus professores, prejudicando tanto o ensino quanto a aprendizagem. Professores e orientadores apresentam grandes dificuldade em impor limites na sala de aula e não sabem até

que ponto devem intervir nos maus comportamentos dentro da instituição de ensino (CARVALHO, 2012).

Há um conflito de gerações em relação à indisciplina; a primeira, a geração dos avós; segunda, a geração dos pais e professores; terceira, a geração dos jovens. Esta primeira geração educou seus filhos de maneira que os mesmos eram obrigados a cumprir tudo o que o pai ordenava, sendo coerente à escola tradicional. Os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a permissividade. A mudança radical vivida pela segunda geração influenciou negativamente na educação da terceira, cujo preço, consideravelmente alto, ainda não podemos determinar (CARVALHO, 2012, p.31).

Com relação à indisciplina escolar, relata que as causas da indisciplina da geração jovem seriam a de que 'o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade o sistema educacional atual nas escolas teria se tornado muito permissivo, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação da escola tradicional, ou seja, "antigo sistema de ensino" (AQUINO, 2012, p.100).

O psiquiatra e escritor Içami Tiba (2013) considera que um dos motivos para a indisciplina do aluno pode estar associado a alguns tipos de distúrbios que podem ser:

a) de ordem pessoal: psiquiátricos, neurológicos, deficiência mental, distúrbios de personalidade, distúrbios neuróticos, etapas do desenvolvimento, confusão pubertária, estirão, onipotência juvenil, etc.;

b) distúrbios e demandas de professores: tais distúrbios decorrem de alterações incontroláveis, são mais fortes que os ditados pelo ambiente, surgem de modo abrupto ou insidioso, em qualquer lugar e de maneira inesperada, transformando totalmente a personalidade da pessoa afetada e surpreendendo os demais;

c) distúrbios relacionais: educativos, entre os próprios colegas, por influência de amigos, distorções de autoestima (TIBA, 2013).

As principais causas da indisciplina estão atreladas com problemas familiares ou psicológicos, aspectos socioculturais, questões de estruturação escolar e métodos pedagógicos inadequados do professor. Uma das causas da indisciplina pode ser a própria relação entre o professor e os seus alunos, "pois no próprio ambiente escolar existem vários acontecimentos que levam a ambiguidades", tanto para o disciplinador quanto para o disciplinado, assim exibindo uma gama de fatores

personais de cada uma das partes que culminarão na indisciplina (VIEIRA *et al.*, 2013, p.51).

Tanto na visão dos pais como na dos professores, o nervosismo do aluno é um dos fatores que causam a indisciplina, sendo expresso através da agitação, desobediência, recusar a fazer determinadas tarefas etc. Educadores e pais, ao analisar estes comportamentos indisciplinados, chegam à seguinte conclusão: este nervosismo é um meio que a criança usa para expressar uma insatisfação que ocorreu em casa, ou algo que não entendeu na lição escolar (CARVALHO, 2012).

4 CRESCIMENTO DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Araújo (2020) considera que a violência nas escolas tornou-se, quase, cotidiana, se apresentando de formas distintas. Inclusive, aquelas caracterizadas como de cunho sexual já mais comuns entre jovens e adolescentes. Nos anos iniciais, entre crianças até 10 ou 11 anos, é mais frequente as agressões verbais, *bullying* e brigas corpo a corpo.

Peçanha (2013) complementa que, na adolescência, quando começa o período escolar chamado Anos Finais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, começam a ocorrer fatos mais graves como agressão física violenta, assédios, ameaças, preconceito mais visível. Inclusive, não raras são as notícias de alunos armados que causam ferimentos a outro, chegando ao limite máximo, que é tentativa de tirar a vida de um colega; alguns alcançam o intento, infelizmente.

Para Bock (2019) os conflitos que ocorrem dentro dos limites da escola são compostos de três personagens: as testemunhas, que são os alunos que assistem a tudo, mas mantêm-se neutros, para não se tornarem os próximos alvos, podendo ser entendidos como aqueles que não praticam a ação, mas compactuam com as agressões. Outros personagens são os alvos, geralmente, perseguidos de modo hostil, mesmo quando indefesos. E, claro, os autores, que escolhem o alvo com características ditas 'motivacionais', aquelas que 'justificam' a agressão; estas podem ser a orientação sexual, religião, gênero, aparência física, raça, modo de vestir ou outra que os tornem alvos em potencial.

4.1 DADOS CONTEMPORÂNEOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Fazer um levantamento do tema no território nacional mostrou-se uma tarefa quase impossível, pois o que se encontrou, nas fontes pesquisadas, são números já defasados, referentes ao período anterior ao ano de 2014. Os dados mais atuais são apresentados aqui, referentes a localidades isoladas.

Um bom exemplo refere-se ao trabalho feito na Região Sul do Brasil pelo levantamento do resultado alcançado pelo Programa Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE) em 1003 escolas. O relatório elaborado constatou que na comparação feita dos últimos semestres de 2017 e 2018, o número total de casos de violência nas instituições de ensino desta região, reduziu

de 20.698 para 13.276, representando um percentual de 35,9% a menos de ocorrências. Do mesmo modo, os casos de *bullying* diminuíram, passando de 2.452 para 1.192, uma redução de 55,5%.

Dados apurados pelo Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, grupo apoiado e acompanhado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e pela Unicef – Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância, constataram que 8 em cada 10 adolescentes, já presenciaram situações de violência contra jovens no ambiente escolar, aspecto que mais chamou a atenção dos pesquisadores que também analisaram a violência familiar. Nesta pesquisa, foram ouvidos 747 jovens com idades entre 12 e 19 anos, entre os meses de janeiro e março de 2021 (SILVA, 2021).

No Brasil a situação mostra-se bem preocupante tomando por parâmetro outra pesquisa, desenvolvida em âmbito global pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), da qual participaram mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (6º ano ao 3º ano), cuja faixa etária dos alunos vai de 11 a 16 anos. O resultado final colocou o Brasil como o primeiro lugar no *ranking* de violência nas escolas (SILVA, 2021).

De todo modo, comenta Araújo (2020), os resultados anteriores são confirmados pelo Diagnóstico Participativo das Violências nas Escolas, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais em parceria com o Ministério da Educação. Como resultado, apurou-se que, em 2017, 69,7% dos adolescentes entrevistados presenciaram algum tipo de agressão dentro da escola. Do total, 65% refere-se à violência iniciada pelos próprios alunos.

4.2 OS TIPOS MAIS COMUNS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Para Souza (2019) considera-se que os tipos mais comuns de violência escolar sejam ações praticadas por professores contra alunos, de alunos contra professores, entre alunos e entre professores. De modo geral, os tipos de violência são compostos por atos agressivos perpetrados entre membros da comunidade educacional. Por consequência, a violência escolar surge e se desenvolve nos limites da escola ou em locais bem próximos a ela, prejudicando todo o cotidiano escolar,

principalmente, o processo de ensino-aprendizagem e o equilíbrio físico e mental da vítima.

Mais especificamente, Souza (2018) esclarece que são apontados 8 tipos mais comuns de violência escolar, considerando que está se manifesta de modos distintos, seja verbal, psicológica ou física; a variante desse fenômeno é o agressor e o agredido. Como nenhum membro da comunidade escolar está livre de se tornar um personagem de um ato desse tipo, é preciso promover a conscientização do público sobre as consequências destas práticas, enfatizando que um índice razoável de abandono escolar está diretamente relacionado a algum tipo de violência ocorrida na escola.

Citando os 8 tipos mais apontados, tem-se: 1) a violência praticada por professor em relação ao aluno, geralmente baseada em abuso de poder; 2) a violência do aluno para professor, na maioria dos casos, com presença de violência física, psicológica e verbal; 3) práticas de exclusão quando um grupo isola determinado aluno, tratando-o como se este não existisse e ainda influenciando os demais para que façam o mesmo, constituindo violência psicológica que pode prejudicar mais do que atos físicos; 4) formas de intimidação, inculcando medo por meio de ameaças, levando as vítimas a fazer apenas o que o agressor ordena; 5) violência sexual, aquela que acontece quando existe comportamentos sexuais inadequados e intimidadores entre membros do grupo, tais como mostrar os órgãos genitais, tocar ou apalpar o outro sem consentimento, esfregar-se no outro, tentar beijar ou forçar o ato sexual; 6) a violência considerada forma de coação que se refere a forçar alguém a fazer algo contra sua própria vontade por meio de ameaças; 7) práticas consideradas *bullying*; e 8) o vandalismo enquanto atos de depredação e destruição das instalações e dos ativos das instituições de ensino (SOUZA, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia, por meio de metodologia denominada pesquisa bibliográfica, buscou apresentar um breve estudo sobre o *bullying* e a violência nas escolas, tendo por justificativa a necessidade do acadêmico de Pedagogia aprofundar em uma realidade presente nas escolas, devendo o pedagogo estar preparado para sua futura vida profissional.

Desse modo, partindo dessa necessidade, pretendeu-se responder ao seguinte problema: 'Quais fatores são considerados como responsáveis pela violência nas escolas públicas, praticada pelos jovens'?

Para alcançar a resposta desejada, adotou-se, como objetivos, a análise do fenômeno da violência nas escolas e apontar quais fatores são considerados influentes, conceituar a violência escolar e o bullying, bem como suas consequências e caracterizar de que formas são praticadas contra e pelos estudantes, traçando um perfil do crescimento quantitativo da violência nas escolas públicas.

Apurou-se que a violência é toda forma de coerção, ameaça ou intimidação de algum indivíduo, neste estudo, representado por alunos que vivem conflitos entre si.

Quanto ao bullying, pode ser conceituado como atitudes, ações, palavras ou gestos que têm objetivo de intimidar e agredir o outro. Tais práticas são deliberadas e recorrentes e o agressor sente prazer em humilhar a vítima, sendo comum a ocorrência repetida. Os tipos de violência considerados mais comuns são praticados pelo professor contra o aluno ou vice-versa são a exclusão, intimidação, violência sexual, coação, *bullying* e o vandalismo.

Neste ambiente de conflitos e diante do quadro nacional, entende-se que a escola terá sucesso quando o papel da família, essencial para reduzir ou evitar esses tipos de atitudes, for realmente cumprido, pois, ao lado do trabalho escolar adequado, é possível promover uma melhor formação dos estudantes, desenvolvendo valores humanos pautados no respeito e na boa convivência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Míriam (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO. Observatório de Violência. Ministério da Educação, 2006.

AQUINO, José Geraldo. **A indisciplina e a escola atual**. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v. 24, n. 2, jul. 2012, p. 181-204. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551998000200011&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 02 abr. 2022.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BARROS, Jussara de. **Escola X Violência**. Revista Brasil Escola. Setembro/2019. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia.htm>> Acesso em: 02 mar. 2022.

BOCK, Ana Marcês Bahia. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

CARVALHO, Jorge Souto F. Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais. AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2012.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade: bullying – o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 4.ed. São Paulo: Gente, 2018.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CIPAVE. **Violência nas escolas estaduais da região sudeste diminui 35,9% em 2018**. Disponível em: <<https://cipave.rs.gov.br/violencia-nas-escolas-estaduais-diminui-35-9-em-2018>> Acesso em 26 abr. 2022.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?: Prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Trad.: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2014.

COUTO, Maria Aparecida Souza. **Violência e gênero no cotidiano escolar**: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana. São Cristóvão: UFS, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARINI, Elena. **Psicologia e Psicoterapia**: o que é *bullying*? 2018. Disponível em: <<http://www.psicologiaparavoce.com.br/textospsi.asp?nr=753>> Acesso em 25 mar. 2022.

MIDDELTON-MOZ, Jane.; ZAWADSKI, Mary L. **Bullying** – estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Trad.: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2017.

MOTA, Kallyne Jesus.; SANTOS, Lígia Michelle Soares dos. **Violência nas Escolas**: propostas pedagógicas por uma cultura de paz. 2018. Monografia [Graduação] Faculdade São Luís de França/SP. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc18.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2022.

PEÇANHA, Ingrid Silva Barbosa. **Reflexões acerca da violência escolar**. 2013. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/reflex%c3%95es-acerca-da-viol%c3%8ancia-escolar-ingrid-silva-barbosa-Pe%c3%a7anha.pdf>> Acesso em 26 abr. 2022.

ROCHA, Maria José Araújo. **Violência no Ambiente Escolar**: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8-jul-dez de 2010. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%202.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2022.

SANTOS, Helen dos. **A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar**: um estudo bibliográfico. 2016. Artigo [Pós-graduação] Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em:

<<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>>
Acesso em: 13 mar. 2022.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça**. Rio de Janeiro: Campus, 2019.

SILVA, Luiz Guilherme Dácar. **Dados mostram que oito em cada dez jovens já presenciaram atos de violência nas escolas**. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/dados-mostram-que-oito-em-cada-dez-jovens-ja-presenciaram-atos-de-violencia-nas-escolas/>> Acesso em: 26 abr. 2022.

SOUZA, Ludmilla. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista**. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>> Acesso em 26 abr. 2022.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. **Violência nas escolas: causas e consequências**. 2018. Disponível em: <<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%c3%8ancia%20nas%20escolas%20-%20causas%20e%20consequ%c3%8ancias.pdf>> Acesso em 26 abr. 2022.

TIBA, Içami. **Disciplina: O limite na medida certa**. 4.ed. São Paulo: Gente, 2013.

VEIGA, Ivan Prado Alcântara *et al.* **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. 4.ed. Campinas: Papirus, 2017.

VIEIRA, Luís Antônio. *et al.* **A indisciplina na sala de aula**. 2013. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0484.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2022.